

**ISBILIYA – A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL SEVILHANA ALMÔADA NO SÉCULO XII**Renata Vereza<sup>1</sup>**RESUMO**

O período de interstício entre os dois grandes avanços cristãos no processo de Reconquista na Península Ibérica, entre o fim do século XI e o início do século XIII, é também o período no qual a cidade de Sevilha se desenvolve economicamente e gradativamente suplanta Córdoba como capital islâmica ibérica. O período almôada é marcado então pelo reforço dessa capitalidade e pela grande intervenção no plano urbano para adaptar a cidade à expansão ocorrida e dotá-la da monumentalidade necessária ao título de capital.

**Palavras-chave:** medieval; Península Ibérica; cidades; Islã.

**ABSTRACT**

The interstitial period between the two great Christian advances in the process of Reconquista in the Iberian Peninsula, between the end of the eleventh century and the early thirteenth century is also the period in which the city of Seville develops economically and gradually supplants Cordoba as capital Iberian Islam. The Almohad period is then marked by the strengthening of this function of capital and the great intervention in the urban plan to accommodate the expansion of the city and to give it the necessary monumentality to be a capital.

**Keywords:** medieval; cities; Islam; Iberian Peninsula.

---

<sup>1</sup> Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Graduação e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

O longo caminho percorrido entre a tomada de Toledo, em 1085, e a conquista de Sevilha em, 1248, transformou as feições ibéricas, modificando profundamente as relações de força e de poder entre o mundo muçulmano e o mundo cristão. Dois mundos, também, densamente transformados em função de suas trajetórias internas e das relações externas. A cidade de Sevilha, capital importante durante os séculos seguintes, ganha sua grandeza e imponência neste interstício, basicamente o século XII, e pelas mãos das dinastias islâmicas norte-africanas. Assim, ao pretender-se analisar as intervenções urbanas realizadas na cidade durante este século, busca-se, ao fim, decifrar os sentidos da morfologia criada.

O avanço cristão, que culminou com a anexação do reino toledano, foi seguido por duros contra-ataques muçulmanos, provocando embates dos quais nem sempre os cristãos saíram vitoriosos. O século XII foi, pelo menos no tocante à Reconquista, um século de avanços e retrocessos. As fronteiras, sempre fluidas, mais do que nunca eram *fronts* de guerra, aparelhando suas comunidades, gradativamente, com um sentido de guerra.

A estadia almorávida efetiva na Península durou pouco mais que algumas décadas (1090-1147) e acompanhou a decadência do poder desta dinastia na região norte-africana. Rapidamente, e mesmo que os almorávidas ainda estivessem oficialmente no poder, a conformação política andaluza tomou as mesmas feições do período pós-califal. A perda do poder pelos almorávidas permitiu o refluxo das oligarquias locais e uma nova pulverização dos poderes em torno de famílias poderosas que haviam compactuado, de maneira nem sempre voluntária, com estes dominantes africanos. Fracionado, o território de al-Andaluz volta a estar dividido em pequenos reinos *taifas* que, apesar do sentimento de pertença ao Islã, deixam visíveis suas profundas diferenças.

Da mesma maneira que após o fim do califado, esta divisão em *taifas*, correspondeu a uma lógica política mais autêntica e realista. A Ibéria muçulmana era um território onde somente um poder político centrípeto extremamente forte era capaz de sufocar as diferenças entre as comunidades locais e, em especial, entre as elites envolvidas nos processos políticos. Esta capacidade de contenção, que implicou em um grande nível de coerção, levou às primeiras fissuras no regime almorávida na

Península, por não contar com o apoio irrestrito das elites locais e por impor lógicas, conceitos e comportamentos um tanto estranhos ao padrão andaluz.

O que houve de novo com a dominação almorávida foi, por um lado, a vinculação de al-Andaluz a um poder político extra peninsular, cujo centro de decisão ficava na África do Norte, e, por outro, a ascensão de um poder que vê com hostilidade qualquer tipo de relativização teológica ou moral. (GARCIA DE CORTÁZAR, 1988) Abre-se um fosso entre a cultura andaluz, bastante mais refinada, e o ascetismo religioso almorávida. Ibn Abdun, apesar de bastante conservador e moralista, deixa bem clara a diferenças entre andaluzes e almorávidas. (IBN 'ABDUN, 1984)

O dever de *Jihad* levado ao extremo, além de causar contratempos severos aos cristãos, impôs a al-Andaluz um peso econômico difícil de suportar, em especial pelas camadas populares. As diversas revoltas que ocorreram entre 1144 e 1145 foram um sintoma disso e contribuíram para desestabilizar o poder almorávida.

Também, e da mesma forma, esta temporária atomização dos poderes com o enfraquecimento do poder almorávida, foi benéfica aos cristãos. Não somente pela desintegração de um poder unificado que pudesse comandar ofensivas amplas e coesas contra os reinos do norte, mas por permitir campanhas militares pontuais, contra inimigos menores e, portanto, com menos capacidade defensiva.

Contudo, apesar de breve, a presença almorávida deixou como legado uma mudança na noção da comunidade muçulmana, que seria decisiva para os rumos da Reconquista. García de Cortázar enfatiza que a sua doutrina foi fundamental para a tomada de consciência por parte dos muçulmanos ibéricos do caráter específico da sua religião e comunidade, “... *el islamismo se convierte para muchos en cuestión de profunda convicción interna*”. (GARCIA DE CORTÁZAR, 1988:110) Neste sentido, o período do último quarto do século XI e final do Século XII é o intervalo no qual ambas as sociedades, cristã e muçulmana, tomam consciência de si e do outro e estabelecem novos padrões de relacionamento.

Mas, tão logo o poder almorávida entre em declínio, inicia-se a ascensão de um novo poder no Norte da África; poder este que fez parte exatamente do corolário de problemas enfrentados por seus antecessores no Norte da África. Partindo de um grupo de seguidores de um asceta (do mesmo modo que os almorávidas), o novo grupo fundado no Magreb por Ibn Turmat, que levou a denominação de almôadas,

surgiu como uma voz contra o que era entendido por deturpação das palavras do profeta. (LOMAX, 1084) Entendendo que os Almorávidas haviam perdido o rigor religioso e que estavam desvirtuados, os almôadas rapidamente conseguiram apoio para a sua causa e se conformaram como uma força política relevante.

O movimento almôada, fundado, em 1117, no Magrebe, vinte anos depois já ensaiava sua chegada ao poder e foi, segundo Viguera Molins(1988), a culminação de uma doutrina sóbria e radical de purismo e unitarismo que estão de acordo com os costumes berberes e não urbanos de seus fundadores.

Na década de 40 do século XII, as batalhas entre almorávidas e almôadas já se intensificavam no Norte da África e despendem esforços consideráveis destes primeiros. O cronista Ibn Idari se preocupou em narrar detalhadamente a ascensão almôada e permite ver a escalada militar gradativa que culminou com a troca dinástica no Magrebe.

*En el año 535 (1140/1141) salió el ejército de los Lamtunies de Marrakus con mercenarios y cristianos y se encontró con los Almohades en la montaña de Gadmiwa; lucharon ambas as partes y triunfaron los Almohades sobre los Lamtunies, que volvieron a Marrakus perdidos y con el maldito caíd de los cristianos herido...*  
(IBN IDARI, 1965)

No ano seguinte, os almôadas chegaram a Fez e, em 1143, outras cidades caíram sob o comando destes. Neste mesmo ano, segundo o cronista, os ataques normandos a Ceuta debilitaram ainda mais a dinastia reinante. Em 1145 morre o Califa Tasfin, o que desordenou o exército almorávida. Os almôadas cercaram Marrakech, capital do império, que acabou por ser conquistada em 1147, quando também:

*...se inició en el Andaluz la invocación de los Almohades y los primeros en proclamarlos fueron los habitantes de Mértola...Luego se opuso, después de esto, Tejada contra los almorávides y entró en la invocación de los Almohades* (IBN IDARI, 1965)

O mesmo ocorre no Algarve e logo em quase todo al-Andaluz, nisto incluído Sevilha. As *Taifas* que não se submeteram passaram a ser objetivo de combate tanto

quanto os cristãos do Norte, muitas vezes aliados destas nestes combates.<sup>2</sup> No início de 1147 as tropas magrebina conquistam a cidade, mesmo que não sem resistências. Segue-se uma revolta que durou três anos e, somente em 1150, a cidade foi verdadeiramente dominada.

Se para os Almorávidas e, em boa medida, para as elites políticas andaluzas, a ascensão desse poder não lhes foi favorável, para a cidade de Sevilha, sim. Mesmo sendo uma das maiores cidades de al-Andaluz, a monumentalidade, o protagonismo e a opulência somente chegam a Sevilha a partir do papel de capital que os almôadas lhe vão conferir.

Mas o papel de capital somente começou a ser gestado em 1156, quando o Amir al-Mu'minin<sup>3</sup> envia como governador da cidade seu filho Abu Ya'qub. O herdeiro desenvolve com a cidade uma relação bastante próxima o que possibilitou inverter a situação mais à frente. No último ano de reinado de seu pai, o protagonismo havia sido dado a Córdoba o que fez com que *“Sevilla y su región [fosse] privada de sus funciones sultánicas”* (IBN SAHIB AL SALA, 1969). A ascensão de Ya'qub permitiu que a capitalidade dos primeiros momentos fosse recobrada.

Foi Abu Ya'qub, uma vez alçado ao posto de Amir al-Mu'minin (1163), quem inicia a política de reformas que dará uma nova feição à cidade, notada até mesmo por seus contemporâneos, como o cronista andaluz Ibn Sahid Al-Sala, que afirma que *“es el que hizo una capital de Sevilla* (IBN SAHIB AL SALA, 1969). Projeto este, terminado por seu filho Abu Yusuf, que, ao concluí-lo, dará à cidade uma imagem tipicamente árabe. (VALENCIA, 1995)

---

<sup>2</sup> Niebla, por exemplo, só é submetida em 1154, quando em ato de extrema crueldade, Yahya Ibn Yumur, enviado do Califa Almôada, tira os habitantes da cidade e os mata a todos. Passagem citada pelo próprio cronista Ibn Idari. Já o caudilho Ibn Mardanis, dominante de terras fronteiriças com os cristãos e com a ajuda destes, oferece resistência por longos anos.

<sup>3</sup> Título pelo qual era designado o dirigente do império Almôada. O título de califa também é utilizado pelas fontes, mas com frequência infinitamente inferior. Assim, preferimos manter aquele que é mais recorrente nos documentos. A lógica desta utilização vem do fato de os califas serem considerados delegados de Maomé, assim, o título significa: aquele que exerce a autoridade entre os crentes. Cf. Xavier Ballestín. “Khilafa, Fitna; final.”, in: LAILENA CORBERA, Carlos Y UTRILLA, Juan (ed.). *De Toledo a Huesca. Sociedad medieval en transición a fin del siglo XI*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, 1998, pp. 67-73.

Assim, é esta Sevilha almôada que os cristãos vão encontrar: grande, opulenta, com os aparatos concernentes ao seu *status* de capital andaluza do império norte-africano.

Apesar de capital de um domínio extenso, somente no século XII, sem dúvida, havia sido capital da *Taifa* que lhe levava o nome. A relevância da cidade, portanto, não se inicia nesse período. Cidade importante desde a era tardo-romana, tem sua história atrelada, desde então, ao porto da cidade, por onde eram escoadas as mercadorias. Apesar de distar do oceano 84 quilômetros, a altitude insignificante de seu território faz com que a maré chegue até a cidade, o que gera alguns problemas em relação à potabilidade da água, mas permite a navegação de embarcações de até sete metros de calado. Assim, como porto navegável e protegido, Sevilha se desenvolveu como um empório comercial desde a antiguidade.

Pouco ou quase nada restou da cidade romano-visigótica. De perímetro infinitamente mais reduzido do que a *madina* mulçumana do XII, se concentrava no setor SE da cidade. Nesta região é possível localizar, ao menos, o fórum e umas termas, ao lado de um edifício alto-imperial, provável basílica, que foi destinado à aljama muçulmana primitiva. (JIMENZ, 1995) Em baixo do palácio arcebispal, há restos romanos somente utilizados até o século XI. (LARREY HOYUELOS, E. Y VERDUGO SANTOS, 1995) O aqueduto de origem romana, redescoberto e reutilizado, no século XII pelos almôadas, se encontra com a cidade na altura da Porta de Carmona, sendo que outros vestígios de edifícios foram encontrados deste local até uma porta muito próxima. Assim, a localização acima delimitada, parece a mais provável para o recinto romano.

Para além disto, as informações são muito imprecisas e a arqueologia não fornece ainda dados suficientes para conclusões mais firmes. Contudo, pela dispersão dos achados, é possível pensar em uma cidade não tão pequena na Antiguidade e que manteve suas características durante o período visigótico e emiral. Os primeiros vestígios de interferências mais impactantes remontam ao período da taifa do século XI.

A cidade contava há muito com uma muralha, da qual se tem notícia desde o ano 49 a.c. sem, contudo, ser possível assinalar um traçado mais do que hipotético. (VALOR PIECHOTTA, 1995) A profundidade do estrato romano e a sobreposição da

cidade atual dificultam e, por vezes, impedem que um trabalho arqueológico abrangente possa ser realizado. Madalena Valor, baseada em informações do início do século XII, escritas por Ibn Abdun, afirma que, apesar das inúmeras modificações e retificações ocorridas nos períodos califal e taifa, a cerca urbana até esse século deveria coincidir com a clássica. (VALOR PIECHOTTA, 1995)

Sem dúvida que as referências de Ibin Abdun dão notícia de que os limites da *madina* estavam esgotados quando prescreve que *“las tejas y ladrillos deberán ser fabricados fuera de las puertas de la ciudad... pues en la ciudad escasea el espacio libre”*. (IBN ‘ABDUN, 1984) Também fala da ocupação do cemitério por construções, o que indica a ocupação de espaços extramuros, pois as necrópoles muçulmanas, tais como as romanas, se situavam fora da cidade. Contudo, baseado neste autor, não há como afirmar com certeza que o traçado tenha permanecido o mesmo desde o período romano e que não tenham sido feitos acréscimos e ampliações ao longo dos séculos subsequentes.

Ao mesmo tempo, o geógrafo muçulmano Abu ‘Ubayd al-Bakri (1982), diz, no século XI, que as muralhas antigas da cidade de Sevilha são do século IX, portanto não romanas, nem visigóticas; muralhas estas que foram derrubadas (em função de uma revolta) e depois reconstruídas no século X. Atesta também a importância da cidade *“marca de la zona sexta: su centro es Sevilla”*, zona que abarcava, neste momento, cidades como Córdoba (capital califal), Niebla, Carmona, Algeciras e Ecija. Assim, dada essa importância e somada as informações acima, é passível supor que a cidade não tivesse permanecido confinada ao recinto romano. As referências islâmicas e cristãs indicam certo dinamismo, principalmente no período taifa do século XI, o que permite pressupor a existência de condições mínimas para o investimento no plano urbano.

Apesar de não podermos estabelecer os contornos e traçado urbanos de Sevilha durante os períodos romano, visigótico, califal e taifa (o que também não é nossa proposta), podemos afirmar que foi o século XII o momento decisivo em relação ao seu urbanismo. Isto é, somente no século XII foram feitas intervenções realmente decisivas no plano urbano. Este adquiriu então a forma e a disposição encontradas pelos cristãos. Em especial no final deste século, quando estruturas de grande porte foram erguidas no interior da *madina* modificando profundamente sua lógica interna. É claro que diversos edifícios importantes e catalisadores foram erguidos antes deste

período. A própria antiga mesquita *aljama* é do século X e o alcázar do XII, contudo, a cidade foi objeto de um programa de remodelação urbana durante os períodos almorávida e almôada, que alterou gradativamente parte do traçado da trama urbana já existente e transformou muito da sua paisagem, estabelecendo novos pontos catalisadores do fluxo urbano e aumentando consideravelmente o perímetro do espaço ocupado.

Boa parte das estruturas definidoras e condicionadoras da paisagem urbana (tais como palácios, mesquitas, banhos), de construção anterior ao século XII, é mantida, contudo, é inserida em uma nova lógica organizacional do espaço e dos fluxos urbanos. Nova lógica esta determinada pelas interferências feitas no espaço da *madina* ao longo deste século.

Sem dúvida, Isbiliya já era uma grande cidade em meados do século, não somente pelo esgotamento do espaço amuralhado citado acima, mas pelo registro que deixou o geógrafo muçulmano Al-Idrisi, que escreve neste momento, e que a qualifica como “... *grande y muy poblada. Las murallas son sólidas, los mercados numerosos, haciéndose en ella gran comercio*”. (AL –IDRISI, 1901)

Idrisi se remete a um ponto fundamental e definidor da paisagem urbana de Isbiliya: as muralhas. O tamanho e o perímetro das muralhas construídas no século XII são extraordinários para os padrões da época e superam em tamanho qualquer outra cidade da Península Ibérica.<sup>4</sup> Seu traçado, somente presumível em alguns setores, abarcou, no momento de sua construção, não somente o núcleo propriamente urbano, mas também uma área ao N e NO ainda não efetivamente habitada. Ibn Abdun (1984) situa um cemitério (extra muros) ao lado do bairro dos *alfareros* e uma mesquita de bairro. Sendo este bairro a O da antiga *aljama*, junto ao braço de rio que cruzava a cidade desde a laguna da Alameda Hércules. Este braço de rio, que passava pela área da nova mesquita *aljama*, já subterrâneo nesta data, conforme indica Al-Sala

---

<sup>4</sup> A datação da muralha de Sevilha é ainda um assunto controverso. As fontes, de maneira geral, não são precisas em relação a isso. Citam por diversas vezes retificações, adendos e alterações na cerca urbana, mas em nenhum momento explicitam em que momento a antiga muralha foi derrubada e a nova, de dimensões consideravelmente maiores, foi construída. Assim, alguns dos autores a datam de período almorávida, em função das referências de Ib Idari. Já Madalena Valor (Cf. p.ex.: “Las defensas urbana y palatinas”, in: El último siglo de la Sevilla Islâmica), baseada nas referências de Al-Sala, data a muralha de período almôada. Como o objetivo é abordar a paisagem urbana logo antes da conquista em 1248, quando o traçado definitivo já estava consolidado, optou-se por não entrar nesta discussão.

(1969). Assim, podemos dizer que a área edificada ocupada pela *madina* correspondia a um terço da área amuralhada quando da construção da cerca. A doação de hortas na região NO, no período cristão, confirmam a pouca densidade demográfica da região.

O amuralhamento, de uma área tão mais extensa do que a ocupada pelo núcleo urbano, mas que um desejo de grandiosidade, atendeu a necessidades defensivas. A existência de hortas e pomares dentro da área murada permitia a resistência mais eficiente e duradoura a cercos e ataques. A questão defensiva não era uma preocupação desprezível, pois em meados do século (1159):

*Llegó Ibn Mardanis con su gente y acampó en las cercanías de Sevilla en el lugar conocido por al-Funt, a una milla de la ciudad. La atacó con parte de sus soldados, hasta llegar a la puerta de Carmona y estuvo sobre Sevilla por tres días....alcanzó a Sevilla un gran peligro y mucho temor y cayó sobre ella y sobre sus habitantes la gran tristeza de la guerra* (IBN SAHIB AL SALA, 1969:13)

Dois anos antes, a cidade já havia sofrido com ataques, “*el año de 552 (1157) fue la derrota de Zagbula, en las cercanías de Sevilla, del Sayyid Abu Ya’qub... Ello fue que los cristianos saquearon la zona de Sevilla.*” (IBN IDARI, 1965:191) Assim, a existência de espaço para o cultivo de víveres básicos podia não garantir a vitória, como de fato não garantiu, mas permitia à cidade ter um fôlego maior de resistência em relação a cercos, como efetivamente ocorreu quando da sua conquista em 1248.

Esta dilatação também permitiu a anexação de alguns palácios que estavam nas imediações da antiga *madina* e deixava a região um pouco mais protegida em relação às cheias do Guadalquivir. O limo presente nos vestígios arqueológicos anteriores ao início do século XII indica que a região apresentava um alagamento intermitente, o que deveria dificultar sua ocupação permanente. E, mesmo após a construção da muralha verifica-se, por muitos séculos, a existência de uma laguna no interior da cidade.

A importância da construção desta muralha está no fato dela seguir uma lógica inversa a das outras cidades contemporâneas. Se em Toledo, como em todas as cidades ibéricas baixo medievais, as muralhas cercaram as áreas urbanas prévias, em Sevilha a muralha condicionou e direcionou sua existência. Ela ditou a direção da expansão urbana deixando um espaço, já determinado, a ser ocupado. Para que seja possível se ter uma noção do impacto deste elemento e das implicações para a área

que ele delimita, o grande espaço entre o núcleo urbano e os acessos do setor N e NO, determinou o traçado de caminhos que ainda hoje são as artérias principais dentro do centro histórico sevilhano, o qual só foi efetivamente preenchido no século XIX, mas mantendo diretrizes do XII.

A versão final das muralhas sevilhanas somente se deu em fins do século, com as alterações promovidas pelos almôadas, que construíram uma nova mesquita *aljama*, ligaram a área palaciana à cidade, reforçaram alguns setores, e construíram as Torres do Ouro, da Prata e as *alcazabas*.

A área palatina não tinha uma integração direta anterior com a *madina*, se concentrando no setor S, deslocando um pouco o traçado da muralha. Estas alterações, se, por um lado, buscaram a integração da área palaciano-militar com o conjunto urbano, por outro, continuaram a manter uma estrita separação das elites dominantes em relação à *madina*. O recinto palatino, do período visigótico, anterior à conquista muçulmana foi aumentado no período califal, e depois, no período taifa, os Banu Abad aumentam os palácios com o novo recinto. Um pouco mais a O deste palácio se constrói outro alcázar, denominado de Abu Hasf. Foi na reforma almôada que os muros que ligam todos estes palácios e cercam os jardins foram construídos, criando então as *alcabazas*.

O grande espaço destinado as *alcazabas* (interior e exterior) servia para alojar as tropas militares que, com frequência, se instalavam em Sevilha, uma vez que, como capital, era dali que partiam boa parte das incursões contra os cristãos. Mas também serviam como residência para parte dos almôadas que se fixam na cidade, em especial, aqueles ligados à administração do governo.

Em um primeiro momento, segundo informa Al-Sala, o contingente almôada instalado junto aos *alcázares* não pareceu ter problemas com o espaço:

*los almohades que le habían conquistado, habían escogido en su alcazaba, en el interior de Sevilla, una mezquita pequeña para sus oraciones de los días de semana y del viernes, pero resultó estrecha al elegirla por residencia sus sucesores y al aumentar los enviados almohades con tropas. (IBN SAHIB AL SALA, 1969:195)*

Com a elevação a capital e a estada constante do Amir al-Mu'minin Abu Ya'qub, tornou-se necessário alocar um número maior de correligionários. Ibn Idari informa

que para resolver a situação, Abu Ya'qub: *“no tomó en Sevilla de sus casas, sino unas sesenta para los jeques almohades especialmente, y compró en ella cien casas de su dinero para los que acudieron a él, por afecto a la gente de Sevilla”* (IBN SAHIB AL SALA, 1969:184)

O cronista não nos informa a localização destas residências, mas podemos supor que não deveriam ficar muito distantes da área palatina e da mesquita reservada ao grupo, a se considerar a afirmação da Al-Sala sobre a mesquita reservada. Essa afirmação também se sustenta por ser no setor próximo aos *alcázares* onde se localizavam as residências de maior área.

Contudo, o que sobressai destas passagens é a diferenciação entre almôadas e andaluzes. A existência de uma mesquita reservada, até a construção da nova mesquita *aljama*, e dos muros das *alcazabas* contribuíram para marcar a distinção entre os sevilhanos e o grupo dominante. Rafael Manzano (1995) indica que essa mesquita que foi tomada pelos primeiros almôadas provavelmente coincide com a antiga igreja visigótica de San Vicente e se localizava junto às muralhas de Dar-al-lmara. Isto é, da mesma forma que os antecessores, ao almôadas se estabelecem como dominantes estrangeiros, como uma estrutura que se sobrepõe a uma realidade social existente e que não procura estabelecer um processo de integração. Mesmo que a designação Almôada não fosse relativa a uma etnia e, sim, a um movimento religioso, e que todo al-Andaluz tenha jurado obediência a eles entrando para esta confissão, a documentação permanece fazendo distinção entre almôadas, andaluzes e norte-africanos. Os primeiros são associados àqueles que participam do movimento e fazem parte do governo e, na Península, são, de alguma forma, estrangeiros. Essa diferença, nunca transposta, foi, como em momentos anteriores, a causa das fissuras que sempre geraram os movimentos contestatórios desde o período califal.

Mas voltando ainda à muralha, o trajeto que margeia o rio Guadalquivir também foi reconstruído neste período, segundo a informação que nos deixou Sahib Al-Sala:

*... mandó [o califa] reconstruir las murallas por el lado del río, a su costa, después que la derribó la inundación grande, que salió por sus costados y por su región el año de 564 [1168-1169]. La construyó de piedra y cal, desde ras de tierra hasta la altura que tienen hoy...* (IBN SAHIB AL SALA, 1969:64)

Contudo, apesar de deixar clara a existência da muralha neste setor, não nos informa se foi feita alguma alteração em seu traçado, qual foi o perímetro reconstruído e se este evento levou a alguma remodelação das áreas contíguas. Já o terremoto que atingiu a região na mesma época provocou estragos consideráveis. De grande intensidade, pois *“el espectador veía que los muros se movían y se inclinaban hacia el suelo”*, deixou um saldo de destruição, já que *“se derrumbaron con ello muchas casas y los alminares de las ciudades de Córdoba, Granada y Sevilla”*. (IBN IDARI, 1965:417) Diante deste cenário, reconstruções e possíveis remodelações foram inevitáveis.

Aos poucos os almôadas foram dando à cidade as feições que chegam ao século XIII. A construção da ponte de barcas (1172) sobre o Guadalquivir na altura de Triana facilitou a comunicação com esse arrabalde e com a região produtora do Aljarafe. Como era uma das principais regiões produtoras da Andaluzia, a ligação direta desta com a cidade agilizou o escoamento de mercadorias, incrementando mais ainda o comércio sevilhano. No mesmo ano, o Amir al-Mu'minin, Abu Ya'qub, mandou iniciar as construções de sua *almunia* (palácio de veraneio), a Buhayra, que ficava localizado na direção de *Bab Yawar*, a L da *madina*, perto dos canos de Carmona, que, ademais, lhe subministravam água.

A construção da nova mesquita *aljama* se deveu ao fato da antiga, chamada de Ibn Adabbas, não comportar mais a população da cidade, pois esta, segundo Al-Sala *“resultó estrecha para sus habitantes, que rezaban en los patios y los pórticos y en las tiendas de los mercadores contíguos, y se alejaba de ellos la solemidad”*. (IBN SAHIB AL SALA, 1969:196) A antiga construção do período califal, apesar de reformada mais tarde em 1195, se encontrava deteriorada e não tinha nem o tamanho, nem o aporte necessários para a *aljama* de uma capital. (TORRES BALBÁS, 1946) Por outro lado, essa nova necessidade demonstra o crescimento da cidade, acelerado por sua capitalidade. A nova *aljama*, *“grande y noble”* se *“igualó a la mezquita de Córdoba en su amplitud”* (IBN SAHIB AL SALA, 1969:165) na versão dos cronistas, mesmo que isso não se confirme na prática.

O local escolhido não foi aleatório, nem seguiu a lógica de ocupação de um espaço vago pré-existente: atendeu, na verdade, a intenção do califa em instalar o espaço religioso principal perto dos Alcázares. Isso permitiu que a nova *aljama* servisse

à população sevilhana e, ao mesmo tempo, aos almôadas instalados nos palácios e *alcazabas* e ao próprio Amir al-Mu'minin, que passou a ter um acesso direto ao seu local reservado no interior da mesquita.

*abovedaron, al lado izquierdo del mirab, un pasadizo en el muro, por el que se pasaba con holgura, destinado a que saliese por él el califa, desde el alcázar a esta mezquita, para asistir a la oración del viernes, por el que se pasa por la puerta alta particular...*

[...]

*después se siguió con la construcción de la Mansura,...enfrente a su alcázar y seguridad para aislamiento [del público] (IBN SAHIB AL SALA, 1969:197-198)*

Os dominantes almôadas, em especial o califa, puderam então, ter acesso à *aljama* nas orações de sexta-feira, participar da cerimônia, realizar pronunciamentos sem que necessitassem cruzar a cidade.

O desenho deste espaço se coaduna perfeitamente com a lógica muçulmana de alijamento do poder em relação à sociedade. A estrutura dos dois alcázares, palatino-militares, não funciona simplesmente como uma fortaleza de defesa do espaço urbano contíguo. Em alguns episódios sequer funcionou como tal. Tem como objetivo resguardar e proteger os detentores do poder, mantê-los diferenciados e apartados do espaço comum da *madina*.<sup>5</sup> As vias de comunicação mais abundantes, em relação ao exterior do que ao interior da *madina*, vêm a confirmar essa intenção. Ao mesmo tempo em que marca a presença deste poder dentro da *madina*, funcionando como elemento de emanção e de controle.

Em Isbiliya, tal como em diversas outras cidades como Málaga, Córdoba, Lisboa ou Ronda, a lógica da separação foi acentuada, situando-se o Alcázar de forma periférica. Leve-se em consideração que, até o final do século XII, este sequer fazia parte da *madina*.

<sup>5</sup> As revoltas da população, ou parte dela, em relação aos governantes não eram desconhecidas no mundo muçulmano, principalmente se estes eram externos a população da localidade. Ibn Idari (1965:214-215) informa uma revolta contra decisões do cadí de Sevilha, ocorrida em 1135. Os próprios almôadas enfrentaram uma revolta dos Sevilhanos entre 1147 e 1150, até a tomada completa da cidade. A cidade de Córdoba viveu uma revolta, finalizada em 1162, que deixou a cidade destruída e com apenas 82 habitantes. Al-Sala, (1969:48-49).

As fontes indicam que a construção da mesquita levou a uma remodelação desta área da cidade. Escavações realizadas em baixo do atual palácio arcebispal, que ocupa uma área quase contígua à mesquita, mostra que o local foi reurbanizado no século XII e que, pelo fato dos vestígios anteriores indicarem que o espaço tinha sido abandonado no XI, pode ser interpretado que neste momento a área passou por um período de decadência. (LARREY HOYUELOS Y VERDUGO SANTOS. 1995:168)

Al-Sala (1969) cita a demolição de casas, nesta mesma região, na entrada da *alcazaba* para dar lugar ao novo edifício em 1172. Em 1176 estava concluída a sala de orações, mas a *jutba* - pregação e oração das sextas feiras - somente passou a ser realizada no local em 1182.<sup>6</sup> Logo a seguir, a remodelação do ambiente continua, em função da necessidade de espaço, após o início da construção do *alminar* da mesquita:

*mandó el Amir al-Mu'minin, Abu Yusuf, ensanchar el patio de la mezquita, donde rezaba la gente, cuando se veía forzada a ello. Se derribaron las casas y las tiendas y posadas y lo que la estrechaba del mercadillo, llamado entre la gente de Sevilla 'mercadillo del clavo' antiguamente (IBN SAHIB AL SALA, 1969:203)*

A *aljama* de Sevilha se assemelhava à de Córdoba, contando com o mesmo tamanho e disposição das naves. A obra, grandiosa, estava de acordo com a imagem de capital que os almôadas queriam dar à cidade.

A planta proposta por Alfonso Jimenez, a partir dos vestígios da mesquita nos subsolos da catedral atual e no pátio, mostra que a área ocupada por esta compreende quase o mesmo perímetro da mesquita, com exceção da abside e de algumas capelas laterais. (Jimenez, 1995) Sendo, portanto, o muro de *qibla* direcionado para S, e ao centro deste o *mihrab*, seguindo a planta tradicional das mesquitas.

A manutenção até os dias de hoje do pátio, com o muro e portas de acesso, permite considerações mais objetivas sobre o tamanho e o estilo construtivo da *aljama* almôada.

---

<sup>6</sup> Ao que tudo indica o prédio estava concluído, mas seus acabamentos não, pois em 1189 o califa manda consertar a mesquita, colocar piso (por dentro e por fora) e janelas. (Al-Sala, 1969)

Neste mesmo ano de 1196, resolve-se transferir a *alcaiceria*, que estava localizada junto à mesquita de Abin Adabbas, para a proximidade da nova *aljama*, como indica o costume muçulmano, e para tal:

*llegaron los derribos hasta los jardines contiguos a la mezquita del huérfano, y se construyeron los mercados y las tiendas en el citado lugar con la más sólida obra... que lo cerraban por los cuatro lados. Las mayores eran las puertas del oriente y del norte, que se enfrentaban con la puerta norte de la mezquita. (IBN SAHIB AL SALA, 1969:203)*

Assim, todas as fontes indicam uma intervenção severa no plano da cidade, fruto de um programa explícito de reorganização do espaço, cujas intenções evidenciam um projeto de poder a ser demonstrado para a sociedade e um modelo de *madīna* a ser alcançado. As mudanças implementadas pelos califas almôadas não atenderam simplesmente às necessidades prementes da cidade ou da comunidade, implicaram em uma reorganização invasiva, o que os inúmeros relatos sobre demolições e reaproveitamento de espaço confirmam. Impossível não pensar que essas obras atendem, quer por sua posição no plano urbano, quer por sua monumentalidade, a agenda dos interesses políticos califal e funcionou como ratificadora de certos valores. O nível de mobilização para tal e a quantidades de recursos investidos parecem corroborar essa hipótese.

O programa de obras do século XII estava concluído e, entrado o século XIII, a única modificação significativa foi a construção da Torre do Ouro, em 1221, que se ligou por um muro à Torre da Prata, acoplada à muralha, junto com reforma da muralha 1222 e a criação de antemuro e fosso. Esta última obra defensiva visava permitir um maior controle sobre a passagem do Guadalquivir e completou a estrutura de defesa da cidade.

Todas estas considerações realizadas até aqui são importantes, pois a *madina* que foi conquistada pelos cristãos havia passado por modificações muito recentes e, em boa parte, não tinha uma trama viária e um desenvolvimento da malha urbana condizente com os polos de atração que haviam se estabelecido após as interferências realizadas. Assim, o deslocamento mais para o S do polo religioso não levou à remodelação automática do plano viário, nem ao deslocamento da área comercial e,

sim, ao alargamento desta. O ritmo das alterações do plano viário é muitíssimo lento, pois significa a demolição de uma parcela deste e sua reconstrução em outras bases. Dificilmente iniciativas individuais resultam em mudança no alinhamento das vias. Em geral, o remodelamento da trama viária somente se dá por iniciativa do poder central dentro de um projeto estabelecido de alteração urbanística. Muitas das escavações arqueológicas realizadas em Sevilha revelam que vários dos atuais edifícios têm o mesmo alinhamento dos anteriores muçulmanos, indicando, portanto, o mesmo alinhamento da via, passados mais de 700 anos.

A se considerar essa questão, da lentidão das mudanças no plano viário, no pouco mais de meio século transcorrido entre as remodelações urbanas almôadas e a conquista da cidade pelos cristãos, não devem ter ocorrido mudanças mais significativas do que aquelas operadas neste processo de intervenção urbana comandado pelo poder califal.

Isbilya contava, desta maneira, com elementos catalisadores do fluxo urbano em maior número que a maioria das cidades ibéricas. O fato de ser capital, o forte comércio e a topografia plana de seu sítio faziam com que todas as portas contassem com uma movimentação acentuada. Contava, no século XIII, com 12 portas, nenhuma de caráter monumental, e quatro postigos. A distribuição destas portas era equilibrada ao longo da muralha e atendia à comunicação, por estrada, com as regiões produtoras do *alfoz*, com vias de ligação com outros centros importantes ou ao escoamento comercial (no caso das portas junto ao rio).

As portas a N e E se ligavam diretamente às estradas e às propriedades agrárias da região. O número de pequenas propriedades era considerável na região. As portas a O ligavam-se mais estreitamente ao escoamento comercial, pois davam acesso ao porto, polo de constante atração. Sendo que a porta de Triana permitia a conexão com o arrabalde e o acesso à via que levava à região produtora do Aljarafe. A forma como foi festejada a construção da ponte de barcas e as inúmeras referências a ela indicam que este acesso devia ser bastante movimentado:

*se instaló en Sevilla al año 566 [1170-1171] y tendió sobre el río con el gran puente arquitectónico, trabado sobre sus bases establecidas para el paso sobre él de la gente del Aljarafe hacia la ciudad, para sus*

*cultivos y ocupaciones y negocios y para el paso de las tropas de campaña* (IBN 'ABDUN, 1984:65)

Alfonso Jimenez localiza junto a *Bab al-Mwaddin* o *suq* de farinha, e entre *Bab Triana* e a mesquita de Ibn Adabbas o *suq* dos perfumistas.

As portas não só condicionaram os caminhos e fluxos humanos para o interior da cidade, mas também concentravam estruturas específicas como *funduq* (armazéns/hospedarias) e *suqs* (mercados), tanto interna como externamente. Bem próximo a *Bab Yahwar* havia um mercado de especiarias (chamado Azueica) que continua funcionando bem depois da conquista. *Bab al-Qatay*, por exemplo, deriva seu nome do comércio de azeite, pois havia no local um armazém do produto. Do mesmo modo, *Bab al-Kuhl* estava associada ao comércio do carvão. Havia ainda *Bab-Haddid*, ou porta de Ferro, que poderia estar associada ao comércio deste produto, mas, apesar de ser citada nos documentos muçulmanos, não é possível localizá-la e provavelmente poderia se remeter a um acesso da antiga muralha que foi destruída para a expansão. Ibn Abdun comenta, no início do século XII, que as portas eram pontos de aglomeração e de vendas de mercadorias, algumas até ilícitas, como de resto acontecia nas grandes cidades cristãs também. (IBN 'ABDUN, 1984:111)

A época de possibilidade de convivência pacífica se esgotara paulatinamente. Os conflitos entre cristãos e muçulmanos se intensificavam. As ofensivas cristãs eram cada vez mais destruidoras e chegavam cada dia mais ao sul. As razias, como tática de guerra permanente dos cristãos, geravam crise nas cidades, insegurança e desconforto. A última grande vitória muçulmana foi em Zálaca, em 1195. Festejada e cantada pelos poetas, em lugar de estabilizar as forças, inaugurou o período de decadência almôada que culmina com a derrota em *Las Navas de Tolosa* em 1212. A capital Isbiliya não teria como deixar de se ressentir. Cada vez mais militarizada (como as reformas deste século mostram) e acuada no século XIII, vê continuamente seu movimento humano e comercial decrescer. Os anos que se seguem até a conquista em 1248 são de retração, diminuição ou destruição de seus arrabaldes e de nenhum investimento no plano urbano.

Há que se aguardar o período cristão para que novas intervenções sejam realizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU 'UBAYD AL-BAKRI. *Kitab al-masalik wa-l-mamalik*. Trad de Eliseo Vidal Beltran. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1982.

AL-IDRISI. *Descripción de España*. Trad. de Antoni Blázquez. Madrid: Imprenta y Litografía del deposito de la Guerra, 1901.

GARCIA DE CORTAZAR, J. A. *História de España. La época medieval*. Madrid: Alianza, 1988.

IBN IDARI. *Al Bayan al-Mugrib*. Trad. de .Ambrosio Huici Miranda. Valencia, 1965.

IBN 'ABDUN. *Sevilla a comienzos del siglo XII*. Trad de E. Levi-Provençal y E. Garcia Gomez. Sevilla: Colegio Oficial de aparejadores y Arquitectos Técnicos de Sevilla, 1998.

IBN SAHIB AL-SALA. *Al-mann bil imama*. Trad de Ambrosio Huici Miranda, 1969.

JIMENEZ, Alfonso. “Mezquitas de Sevilla”, in: *El último siglo de la Sevilla islámica*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Ayuntamientote Sevilla-Gerencia de Urbanismo, 1995.

LARREY HOYUELOS, E. Y VERDUGO SANTOS, J. “La recuperación de la ciudad antigua en el contexto de la expansión urbana del siglo XII” Aportaciones de la excavación realizada en el palacio arzobispal de Sevilla.” In: *El último siglo de la Sevilla islámica*. Sevilla: Universidad de Sevilla/ Ayuntamiento de Sevilla-Gerencia de Urbanismo, 1995, pp. 167-174.

LOMAX, D. *La Reconquista*. Barcelona: Crítica, 1984.

MANZANO, Rafael. *El último siglo de la Sevilla islámica*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Ayuntamientote Sevilla-Gerencia de Urbanismo, 1995.

TORES BALBÁS, L. “Crónica arqueológica de la España musulmana. XIX”. *Al-Andaluz*, 1946, XI, 2.

VALENCIA, Rafael. “Sevilla 1147-1148”, in: *El último siglo de la Sevilla islámica*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Ayuntamientote Sevilla-Gerencia de Urbanismo, 1995.

VALOR PIECHOTTA, Madalena. “Las defensas urbanas y palatinas”, in: *El último siglo de la Sevilla islámica*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Ayuntamientote Sevilla-Gerencia de Urbanismo, 1995.

VIGUERA MOLINS, M. J. "El último siglo de la Sevilla Islámica." In: *Sevilla Almohade*. Sevilla: Universidade de Sevilla/ Junta de Andalucía/ Ayuntamiento de Sevilla, 1999.

VIGUERA MOLINS, M. J. "Al-Andaluz y los almohades", in: *Sevilla 1248. Congreso internacional conmemorativo de 750 aniversario de la conquista de la ciudad de Sevilla por Fernando II, Rey de Castilla y León*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla/Fundación Ramón Areces, 1988.

XAVIER BALLESTÍN, A. "Khilafa, Fitna; final.", in: LAILENA CORBERA, Carlos Y UTRILLA, Juan (ed.). *De Toledo a Huesca. Sociedad medieval en transición a fin del siglo XI*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico, 1998, pp. 67-73.

Recebido em 30 de outubro de 2014.

Aceito em 20 de dezembro de 2014.